

A FÉ COMO PRESSUPOSTO PARA CONHECER DEUS EM KIERKEGAARD HISTÓRICO

Adenilton Moises da Silva[1]

Resumo
Este trabalho tem por objetivo, a partir de algumas obras de Kierkegaard, investigar a questão de Deus na construção do seu pensamento. A partir desse objeto de estudo, analisar a noção de Deus como paradoxo que, segundo essse filósofo, pode ser compreendido pelo viés da fé. Não sendo os conceitos que definem quem é Deus, mas a relação do sujeito por meio da fé, que se pode relacionar-se diretamente com o Eterno. Mas essa relação tende a se efetuar nas contradições manifestadas no ato da construção da existência. Portanto, apresentamos um projeto de pesquisa que, investigando algumas ideias kierkegaardianas, pretende também averiguar como o cristão hoje, entende sua condição de ser e de crer em Deus na contemporaniedade, ao mesmo tempo, compreender o cristianismo como um encantameto, uma paixão existencial, desprovido do dogmatismo religioso.

Palavras-chave: Deus. Paradoxo. Cristianismo. Indivíduo. Contexto.

História do projeto

Este trabalho tem por finalidade fazer uma breve explanação de alguns pontos do "pensador, filósofo, teólogo e psicólogo Soren Kierkegaard, que nasceu e morreu na capital da Dinamarca (Copenhague, 1813-1855)", (KIERKEGAARD, 2018, p.7). Para entender melhor como surgiu a construção do projeto de pesquisa para o curso de mestrado em Ciências da Religião, na UNICAP (Universidade Católica de Pernambuco), é-nos interessante conhecer um pouco a biografia deste dinamarquês. Ele é um dos autores que tem a capacidade de associar sua vida pessoal às suas obras escritas; mas do que explicar um conceito abstrato tenta entender a si mesmo, descrevendo seus pensamentos, suas inquietações, suas reflexões, seu modo de se relacionar com o mundo, com as pessoas, com a família, com a igreja e sua fé.

[1]Licenciado em Filosofia pelo INSAF – Instituto Salesiano de Filosofia em Recife; graduação em Teologia pelo Instituto de Teologia de Caruaru – PE; mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: adenilton.silva80@gmail.com



Kierkegaard nasceu em Copenhague no dia 05 de maio de 1813 e veio a falecer em 11 de novembro de 1855, aos 42 anos de idade, vítima de acidente vascular cerebral, sendo sepultado no dia 18 do mesmo mês. Era o sétimo filho. Em 1823 nasce a sua futura noiva e amada, Regina Olsen, com a qual não contraiu matrimônio. Em outubro de 1830, Kierkegaard matricula-se na Universidade de Copenhague, com 17 anos. Inscreve-se na guarda real, sétima companhia, onde é recusado por incapacidade física[2].

Segundo suas obras, seu grande desejo era tornar-se cristão. Isso implica uma decisão madura de um homem que experimentou vários estágios existenciais, e compreendeu que ser religioso não é uma nomenclatura ou uma certidão institucional que o denomina ser, mas as escolhas de vida pautadas na mensagem evangélica são pistas existenciais de alguém que vive profundamente sua fé, pois se descobriu indivíduo necessitado de superar suas ambivalências não a partir dos dogmas da sua Igreja Estatal Luterana, mas, sobretudo, quando ele começa a questionar os ensinamentos teológicos da própria igreja, fazendo-se um reformador, primeiramente de si, depois da filosofia da época e da teologia protestante dinamarquesa.

A vida de escritor de Kierkegaard foi elaborada a partir de sua vivência real, pois ele buscou em si mesmo os elementos essenciais que o ajudassem a compreender a si enquanto sujeito singular. A partir dessa reflexão construiu uma filosofia da existência que explicasse seu modo de existir, numa tentativa de compreender e responder sua condição de homem. “Se ele é o autor de uma obra, e não de um sistema, sua obra, longe de ser estranha à filosofia, toma dela emprestada a linguagem, a exigência de rigor e a coerência” (FARAGO, 2006, p. 61). Para Kierkegaard, filosofar é se perguntar fato ato de existir, não uma doutrinação sustentada em conceitos inquiridos pelo pensamento abstrato, mas um “pensador subjetivo”. Desse modo de pensar kierkegaardiano, o napolitano, Nicola Abbagnano (1901-1990) corrobora, afirmando:

[2] Portador de defeitos físicos de nascença e quase sempre às voltas com uma saúde oscilante, ainda menino passara a receber especiais atenções da família e a ser alvo de privilégios com os quais tradicionalmente se destemperam os filhos mais novos. Com exagerado sendo da própria fealdade, trancou-se em timidez e introspecção, fazendo-se de exótico e por demais sensível. A tudo isso acrescentou-se o grande número de mortes sucessivas que quase eliminam sua família e o puseram inquieto e desconfiado. Começara a crer que, por alguma razão muito terrível, Deus houvesse amaldiçoado os Kierkegaard (KIERKEGAARD, 1990, p. 8).



> É que a filosofia não se justifica como trabalho de inquirição ou de pesquisa doutrinal se não se conhece que ela se funda sobre a própria natureza do homem enquanto existência. Seus problemas se esvaziam de significado se forem considerados apenas como problemas teóricos ou práticos concernentes a realidades ou a objetos aos quais sua abordagem ou resolução resulte estranha e que tenha sobre o homem que os suscita ou os resolve uma influência meramente hipotética e indireta. Os problemas da filosofia dizem verdadeiramente respeito ao ser do homem, não do modo em geral, mas do homem no singular, na concretude de seu existir, e são apelos ou chamados dirigidos a ele para que esteja às claras consigo mesmo, assuma suas responsabilidades e tome suas decisões (ABBAGNANO, 2006, p.11).

Suas obras filosóficas não podem ser consideradas como algo externo, elucidações do pensamento que pensa o abstrato e formula conceitos, pelo contrário, são considerações que emergem da sua condição de sujeito que pensa sobre si mesmo, mergulhado em sua angústia, não consegue voltar atrás, mas segue o caminho do absurdo que é a vida e se lança na infinita compreensão de si, do mundo, de Deus. Trata-se de uma busca de si mesmo, revela-nos um estudo esmiuçado da sua existência, pois fala do sujeito no mundo; e assim, está a dizer como se auto-compreendia enquanto homem singular. Abordar a própria realidade em discursos possibilitava-lhe edificar-se num mundo desprovido de seguranças racionais e metodológicas, mas a todo instante se via lançado no vazio da existência que lhe obrigava a preencher esse espaço em cada instante que se firmava como indivíduo carecido de afirmação.

> Todos os escritos de Kierkegaard, de uma forma ou de outra, insistiam na necessidade de se afirmar a integridade do indivíduo diante de tais tendências, e o mesmo pode ser dito de sua vida. Sua obra e sua vida pessoal eram realmente inseparáveis, e as relações entre as duas foram fielmente registradas em seus abundantes diários, que ele escrevia desde os 21 anos e que iluminaram os recônditos labirínticos de sua disposição estranha e complexa (GARDINER, 2001, p. 1).

Ler as obras desse autor é adentrar em sua própria existência, sua relação familiar, seu problema com a igreja da Dinamarca, seu noivado com Regina, suas desavenças com o jornal local, sua vida boemia, sua crítica ao Cristianismo da época e seu rígido moralismo. Suas obras falam de sua vida, da família, do seu



amor por Regina, da sua fé, do seu Deus, dos seus entraves filosóficos ou teológicos com o pensamento da época. Dentre muitos filósofos, Kierkegaard é aquele que conciliou vida e obras. Seus livros são na verdade uma descrição do modo de vida que ele viveu. Seus pseudônimos são uma amostra visível dessa relação que há entre a sua existência e a sua escrita. Uma existência marcada por contradições paradoxais, autoconhecimento e escolhas determinantes, formando assim, uma espécie de itinerário da própria vida. Também a sua relação com o seu pai e seu noivado com Regina Olsen marcam toda a sua produção intelectual e seu modo de viver.

A morte repentina do pai em 1838 produziu em Kierkegaard um impacto emocional. Em 1841 devolve o anel de noivado a Regina. Em outubro do mesmo ano rompe definitivamente com sua noiva, viajando para Berlim. Esse rompimento se deu por achar impossível fazer uma mulher feliz mediante a responsabilidade eterna que ele acreditava ter no matrimônio. O rompimento do seu noivado desempenhou um papel centra no desenvolvimento de sua vida pessoal e intelectual. No ano de 1843 tem conhecimento do noivado de Regina com Fritz Schlegel. Em 1845 Kierkegaard trava uma luta com o jornal local “O Corsário” que o humilha publicamente com matérias difamatórias, obrigando-o a utilizar alguns pseudônimos.

É sabido pelos leitores kierkegaardianos que esse autor compreendia a sua vida pessoal profundamente marcada pelas escolhas feitas por seu pai, Michael Pedersen Kierkegaard, principalmente, porque sua mãe – antes empregada da família se tornou a segunda esposa -, após a morte repentina da primeira mulher do seu pai. Mediante esse episódio, a atmosfera de culpabilidade religiosa e a melancolia de seu pai, Kierkegaard vivia sob a consciência de culpa. Seu pai vivia profundamente imergido na Igreja Luterana, enraizado no sentimento de culpa e maldição, embora fosse homem de agilidade comercial, não conseguiu sentir a mesma leveza na vida de fé, mas sempre permeado por uma atmosfera de culpabilidade que o conduzia ao castigo iminente, e assim viveu até sua morte. Esse mesmo sentimento do pai acompanhou Kierkegaard e sua família que, sentia-se lançada numa misteriosa maldição.

Analisando em Kierkegaard todo esse traçado existencial deixado em suas obras, desde o estágio estético, passando pelo ético, até chegar ao estado religioso,



despertou-nos a curiosidade de estudar o problema “A Fé como Pressuposto para Conhecer Deus em Kierkegaard”. Pois a fé não como dogmatismo religioso, e sim, como encantamento pelo Deus que vem existir na realidade humana, não de modo vertical, mas na horizontalidade hodierna da vida. Ao mesmo tempo, o cristianismo como uma comunicação existencial ao indivíduo que buscar seu lugar na história concreta.

A fé, o cristianismo, o indivíduo

Tal autor compreende a existência como um nada a ser construído, ou seja, somos possibilidades a todo o instante em que existimos. É pelo viés da existência que ele compreende a fé no paradoxo, isto é, em Deus, ou seja, “Deus não pensa, Ele cria; Deus não existe, Ele é eterno. Um homem pensa e existe, e a existência separa pensar e ser, mantém-nos afastados um do outro em sucessão” (KIERKEGAARD, 2016, p. 48). Para Kierkegaard, a fé é justamente uma possibilidade indeterminada e absurda pelo fato de estar a todo o momento se tornando nela mesma uma realidade desprovida de segurança, algo não concreto, ela é um vir-a-ser.

Percebemos sua predileção pelo conceito cristão de homem, pois para o cristianismo, segundo Kierkegaard, cada homem é visto de forma singular, dentro de suas características que lhes são intrínsecas. Essa compreensão do conceito existencial-paradoxal, visto que o ato de existir do homem é uma condição paradoxal, despertou nesse filósofo uma busca relevante do que significa assumir-se como subjetividade, principalmente no contexto em que se encontrava: “O ambiente intelectual e religioso dinamarquês de Kierkegaard é bastante influenciado pelo debate ente hegelianos e anti-hegelianos” (PAULA, 2009, p.112).

Tendo esses debates como pano de fundo da época, Kierkegaard rasga o paradigma do determinismo, absolutamente recusa esse pensamento e postula seu célebre conceito do eu, ou seja, do homem na seguinte expressão: “O homem é uma síntese de infinito e de finito, de temporal e de eterno, de liberdade e de necessidade, é, em suma, uma síntese. Uma síntese é a relação de dois termos” (KIERKEGAARD, 1989, p. 12). Essa definição do conceito de homem estar a dizer que os pressupostos do idealismo alemão, isto é, do modo como Hegel dizia a realidade sendo ela objetiva universalista, não respondem ao paradoxo existencial,



como também ninguém nasce cristão de fato, apenas de dado histórico ou por pertencer a uma nação, mas é preciso tornar-se cristão. Contra a perspectiva de Hegel, isto é, seu sistema idealista, não admitindo que o cristianismo seja uma doutrina, mas uma mensagem existencial, a qual ultrapassa a mera relação sujeito-objeto, Kierkegaard se vê na obrigação de apresenta o que de fato significa ser cristão.

Uma necessidade humana é transportar-se para algo acima do meramente dado como definido, pronto e acabado. Um desejo ontológico impulsiona as pessoas a superar a falta de sentido em relação com as coisas, ou talvez, devêssemos dizer, a vida, em sua volta. Sendo fato que se almeja a transubstanciação dessa realidade, implica em nossa compreensão, que há uma busca, uma vontade humana de conhecer Deus, isto é, relacionar-se com Ele. Alguns pensadores como Hegel dá a entender que conhecemos as coisas, inclusive Deus, pelo pensamento racional-lógico, o qual pretende ser absoluto, vendo as coisas, assim como Deus, apenas dados cognoscíveis; o pensamento ordenado se pretende ser capaz de sistematizar a noção de Deus e até mesmo da própria existência do indivíduo. Kierkegaard contrapõe esse modelo hegeliano dizendo, que Deus não é um dado histórico, que pode ser objetivado pelo pensamento intelectual, portanto, por esse víeis só é possível chegar ao limite do pensamento em si mesmo, pois esse só conhece sistemas lógicos. Deus é algo paradoxal ao entendimento. Ele se revela como mensagem existencial. Por isso, nossa pergunta é: a fé é um dogma religioso ou uma mensagem existencial da subjetividade que leva ao conhecimento de Deus?

Para fundamentar seus pressupostos, Kierkegaard vai buscar no cristianismo os argumentos necessários para a construção do seu pensamento. Segundo esse autor, “o cristianismo é explicado de modo especulativo e o resultado é o paganismo; ora, não se sabe mesmo com certeza o que é o cristianismo” (KIEKERGAARD, 2016, p. 80). Ao mesmo tempo, ele se aventura a apresentar a sua sociedade, isto é, a dinamarquesa, marcada pela compreensão teológica racional, ou seja, por uma objetivação de Deus como um dado científico, que tais ideias não dizem o que de fato é ser cristão. É nesse ambiente teológico racional que o cristianismo foi inserido. É desse mundo idealista que Kierkegaard pretende arrancar o cristianismo e apontar os erros dos cristãos ao tratarem de Deus dentro



de um sistema teórico, assim era a ideia de Hegel, possível de ser provado logicamente.

O conhecimento de Deus em Kierkegaard, não acontece via raciocínio lógico, dado pelas vias racionais, dentro de uma perspectiva metodológica, mas se constrói e dá-se no paradoxo da fé, onde não há garantias lógicas e muitos menos postulados metafísicos, visto "que tudo o que é objeto da fé não o pode ser da razão e nem a esta submetido" (PASCAL, 1973, p. 17), porém, é no homem encarnado, vivido em sua realidade existencial que se pode mensurar algo sobre Deus. Nessa perspectiva, Deus sai do âmbito metafísico puramente teológico racional, e entra na subjetividade da fé, o deus que se faz carne. Pois não é uma relação intelectual, doutrinal, mas como o próprio autor diz, é um modo de vida relacional no âmbito da fé, por isso:

> O cristianismo não é nenhuma doutrina sobre a unidade do divino com o humano, sobre sujeito-objeto, para nem mencionar às demais transcrições lógicas do cristianismo. Com efeito, se o cristianismo fosse uma doutrina então a relação para com ele não seria a da fé, pois, para com uma doutrina, só existe reação intelectual. O cristianismo, portanto, não é uma doutrina, mas o ato de que o deus tenha existido. Fé, então, não é uma lição (de casa) para iniciantes na esfera da intelectualidade, um asilo para cabeças fracas. Mas a fé é uma esfera por si, e todo mal-entendido sobre o cristianismo pode logo ser reconhecido por transformá-lo numa doutrina e introduzi-lo no âmbito da intelectualidade. (KIERKEGAARD, 2016, p. 42).

Uma compreensão do cristianismo como doutrina, é uma visão contraria a abordagem kierkegaardiana, torna-se um cristianismo que foge à realidade e se auxilia numa idealização futura, abstrata, fazendo do homem religioso um estético no modo mais crítico que Kierkegaard analisou em sua obra *Temor e Tremor*. Esse homem cristão da contemporaneidade é conduzido à ânsia de uma teologia abstrata; obrigado a fugir da condição de indivíduo real, a fim de se tornar quase um deus, anjos revoltosos ao fato de serem homens desesperados e angustiados em suas melancolias encontradas nos emaranhados das encruzilhadas vitais.

Essa visão distorce o cristianismo, que deve ser visto não como uma doutrina, mas sim, uma mensagem existencial. Contudo, os cristãos de hoje – ou pelo menos boa parte deles – buscam apenas o bem-estar, não se lembram do cristianismo vivenciado no martírio, antes procuram apenas a prosperidade e o elogio de suas



oratórias pronunciadas nos púlpitos eclesiais. Para esse pensador dinamarquês, "o cristianismo é espírito, espírito é interioridade, interioridade é subjetividade, subjetividade é essencialmente paixão e, em seu máximo, uma paixão infinita e pessoalmente interessada na felicidade eterna" (KIERKEGAARD, 2013, p. 38). Assim, a nossa hipótese se sustenta em que a subjetividade é fundamento para construção da existência concreta e para o conhecimento de Deus. Pois a subjetividade é condição de ser e de conhecer para o indivíduo.

Estudar essa problematização em Kierkegaard é sumamente importante, sobretudo, porque, há em nosso tempo um florescer pela compreensão do que é ou como se compreende o indivíduo no seu ato de existir. Tem-se cada vez mais enfatizado a importância do sujeito ser o protagonista de si mesmo, de ser seu ator insubstituível, de modo especial, numa sociedade do espetáculo que busca figurar a realidade humana, dando a ela, segundo a lógica capitalista, tudo o que precisa. Com isso, busca-se colocar em evidência o indivíduo na sua subjetividade que grita pela sua auto-afirmação frente à imanência das coisas. Assim sendo, devemos perguntar: quais os sentidos que o sujeito encontra para a vida? Há uma identidade do sujeito reconhecida e afirmada perante o outro? Como ele se posiciona frente às necessidades da vida? A necessidade de firmar sua identidade perante o relativismo joga o indivíduo na busca de sentido mais profundo pela vida. Sua relação com o sagrado como acontece? É o cristianismo uma doutrina religiosa ou uma comunicação existencial?

Conclusão

O pensamento de Kierkegaard continua atual, é para os nossos dias de hoje, visto que é preciso ajudar cada sujeito a se encontrar no meio das problemáticas existenciais que vive. Observando em Kierkegaard todo esse traçado existencial deixado em suas obras, desde o estágio estético, passando pelo ético, até chegar ao estado religioso, despertou-nos a curiosidade de estudar o problema "A Fé como Pressuposto para Conhecer Deus em Kierkegaard". Pois a fé não como dogmatismo religioso, e sim, como encantamento pelo Deus que vem existir na realidade humana, não de modo vertical, mas na horizontalidade hodierna da vida. Ao mesmo tempo, o cristianismo como uma comunicação existencial ao indivíduo que busca seu lugar na história concreta.



Apoderados de suas obras, elas nos apresentam elementos filosóficos, teológicos, psicológicos, antropológicos e sociais, de modo abrangente. Existe o que se chama em Kierkegaard uma fronteira de pensamentos, sobretudo, entre a filosofia e a teologia. Ele busca conjugar essas realidades, mesmo percebendo suas contrariedades ao usarem metodologias para explicar a fé. Em *Migalhas Filosóficas*, contrário ao uso do método para explicar a fé, ele diz: "a conclusão da fé não é uma conclusão, mas uma decisão" (KIERKEGAARD, 2008, p. 122). Partindo desse pressuposto, a fé não pode ser entendida como um conhecimento, mas um ato de vontade, fruto da liberdade do sujeito que escolhe decidir: "Por isso, a resposta da fé é, em termos absolutos, ou sim ou não" (KIERKEGAARD, 2016, p. 41).

Por fim, tendo a fé como uma decisão pessoal, entendemos a relevância do autor para os estudos das Ciências da Religião, da Filosofia, da Teologia e outros campos dos saberes, ao mesmo tempo, sua importância para compreender o sujeito no tempo atual, onde é convidado sempre a uma decisão pessoal frente a tantas necessidade efêmeras. Portanto, "é extrema a importância de Kierkegaard no debate atual sobre o sujeito: não substância, mas processo de apropriação ativa de si mesmo na edificação de si mesmo. Não nascemos substância, mas temos o dever de nos tornarmos sujeito pessoal" (FARAGO, 2006, p. 250).

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Introdução ao Existencialismo**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins, 2006.

FARAGO, France. **Compreender Kierkegaard**. Trad. Ephaim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 2006.

GARDINER, Patrick. **Kierkegaard**. Trad. Antônio Carlos Vilela. São Paulo: Loyola, 2001.

KIERKEGAARD. **Das Profundezas: Preces**. Trad. J. F. Regis de Morais. São Paulo: Paulinas, 1990.

KIERKEGAARD, Soren. **Discursos Edificantes em Diversos Espíritos – 1847**. Trad. Alvaro L. M. Valls e Else Hagelund. São Paulo: LiberArs, 2018.

KIERKEGAARD. **Desespero a Doença Mortal**. Trad. Ana Keil. Porto: Rés, 1989.

KIERKEGAARD. **Pós-Escrito Conclusivo não Científico às Migalhas Filosóficas, Vol. I**. Trad. Álvaro L. M. Valls e Marília Murta de Almeida. Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco; Petrópolis: Vozes, 2013.



KIERKEGAARD. **Pós-Escrito Conclusivo não Científico às Migalhas Filosóficas, Vol. II**. Trad. Álvaro L. M. Valls e Marília Murta de Almeida. Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco; Petrópolis: Vozes, 2016.

KIERKEGAARD. **Migalhas Filosóficas ou um Bocadinho de Filosofia de João Clímacus**. Trad. Ernani Reichmann e Álvaro L. M. Valls. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 2008.

KIERKEGAARD. **Temor e Tremor**. Trad. Maria José Marinho. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

PASCAL, Blaise. **Pensamentos**. Introdução e notas de Ch. – M. des Granges. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

PAULA, Márcio Gimenes de. **Indivíduo e Comunidade na Filosofia de Kierkegaard**. São Paulo: Paulus, 2009.